REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 814

10 DE AGOSTO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONSELHEIRO ANTONIO ENNES

FALLECIDO EM 6 DO CORRENTE

Na sua casa de Queluz, onde talvez cuidava passar junto dos seus horas de repouso na velhice depois de tão agitada vida, falleceu no dia 6, pouco antes da uma da tarde, o conselheiro Antonio Ennes, politico notavel, publicista illustre, um dos grandes nomes do Portugal moderno.

Antonio Ennes nasceu em Lisboa, no dia 15 de agosto de 1868. Terminado o curso do lyceu matriculou-se no curso superior de letras, que completou com a maior distincção, sendo entretanto suas tenções dedicar-se á carreira commercial.

Mas o jornalismo em que tão notavel havia de tornar-se atrahia-o.

Começou, como quasi todos, publicando alguns artigos litterarios na *Gazeta do Povo*, folha do partido historico. Onde porém havia de brilhar, dados seus dotes de polemista, era no artigo de fundo, de que breve foi encarregado, alguns escrevendo brilhantissimos no *Paiz*, que depois do pacto da Granja passou a denominar-se *Progresso*.

Eram extraordinarios seus dotes de publicista. Escrevia devagar, methodicamente, raciocinando com rara lucidez, propondo perfeitamente o problema e deduzindo as conclusões com logica de ferro.

De natureza muito debil, cançado por uma vida de glorioso trabalho, não lhe esmoreceram nunca as faculdades. Estava na pujança de todas ellas, quando ainda ha poucos mezes dirigia, com a sciencia que ninguem lhe contestava, o jornal que ha annos fundára, o *Dia*, e que depois d'um longo eclipse, tivera nova aurora brilhante.

N'aquellas columnas esgrimiu elle com os mais conceituados jornalistas, volvidos em terriveis adversarios, Marianno de Carvalho, Emydio Navarro, Urbano de Castro.

E fosse qual fosse o calor da discussão, a linguagem de Antonio Ennes era sempre vernacula, sempre claro o raciocinio, requintada a forma.

Mas os seus primeiros grandes triumphos não lh'os deu o jornalismo. Era já seu nome por todos seus partidarios, e até pelos mesmos adversarios, bemquisto e respeitado; mas parte do publico ainda o desconhecia. Foram *Os Lazaristas*, peça de combate, que, representada em todo Portugal, o tornaram dos mais gloriosos entre os dos litteratos portuguezes.

Quantos já então frequentavam o theatro se lembram d'essas noites no Gymnasio, em que Antonio Ennes ouvia sempre seu nome acclamado em meio das mais delirantes ovações. As conclusões da peça agradavam á grande maioria, o estylo em que era escripta ajudava ao enthusiasmo.

Outras se lhe seguiram com melhor ou peor sorte, a *Eugenia Milton*, *Os Engeitados*, até ao grande triumpho do *Saltimbanco*, uma das melhores corôas de Antonio Pedro.

Com o drama, o *Luxo*, representado no theatro de D. Maria, Antonio Ennes despediu-se do theatro, e, passado tempo, voltava outra vez todas as suas attenções para a politica.

O general João Chrysostomo, quando foi em 1890 encarregado de formar gabinete confiou-lhe a pasta da marinha.

Mas não era na metropole que Antonio Ennes havia de patentear todos os altissimos recursos da sua intelligencia, toda a colossal energia de seu espirito activo e disciplinador.

Nomeado commissario regio da Provincia de Moçambique, cabe-lhe o grande quinhão de gloria nas consequencias que trouxeram a Portugal a serie de victorias a que Mousinho de Albuquerque poz em Chaimite o remate heroico.

Marracuene, Magul, Coolela, Chaimite, são nomes que sôam aos nossos ouvidos como hymnos de triumpho. Pois o grande organisador d'essas victorias, que tornaram o nome de Portugal respeitado no mundo inteiro foi Antonio Ennes que, além de muitas outras qualidades demonstradas, teve a de saber rodear-se do que havia de melhor entre funccionarios portuguezes e no exercito que tão brilhantemente o coadjuvou.

Essa foi a sua maior gloria e por isso a sua morte foi verdadeiramente uma perda nacional.

Morreu um patriota.

O actual ministro da marinha, sr. Teixeira de Sousa, orando á beira da campa, disse estas palavras: «Antonio Ennes ostentava a gran-cruz de Torre e Espada, a mais nobre e significativa das condecorações portuguezas, dada como recompensa pelo chefe do estado, com a referenda do chefe do actual governo, em seguida ao colossal triumpho. Transporte-se a legenda — Valor, lealdade e merito — para a lapide tumular e justo elogio ficará feito áquelle deante de cujos restos mortaes me inclino reverente.» Palavras justissimas.

Foi imponente a manifestação feita ao leal servidor da patria.

Além do sr. ministro da marinha falaram, junto do tumulo em que o cadaver foi encerrado, o sr. conselheiro Silva Amado pela Academia Real das Sciencias, o sr. conselheiro Ferreira do Amaral em nome do Instituto Ultramarino, o sr. Almeida d'Eça em nome da Sociedade de Geographia, o sr. Lourenço Cayolla em nome da Associação dos Jornalistas, o sr. Carlos Ferreira em nome do *Correio da Noite* e o sr. Moreira d'Almeida pela redacção do *Dia*.

A morte de Antonio Ennes foi sentida em todo o paiz, d'onde chegaram centenas de telegrammas á redacção do *Dia*.

Enviaram tambem telegraphicamente seus pezames á redacção El-rei D. Carlos e Rainha sr.ª D. Amelia, que tambem telegrapharam á viuva do fallecido, participando-lhe seu pezar.

O *Dia* fazendo o necrologio de seu chorado chefe, diz: «Sob apparencias pouco expansivas abrigava um coração que derramou muito bem por aquelles que recorriam ao seu valimento. O seu trato com os amigos era primoroso. A familia para elle era o ideal de felicidade humana.»

O grande cidadão, cujas faculdades intellectuaes todos, amigos e adversarios, exaltam, era tambem um grande coração. Nem podia deixar de ser. Prova-o o amor que tinha á patria e de que tão eloquentes mostras deu em sua longa carreira. Patria, familia. Talvez n'estas duas palavras se possam resumir todos os seus ideaes.

CHRONICA OCCIDENTAL

Domingo passado, apresentação de Nicolino Milano ao publico e imprensa de Lisboa.

Encheram-se, apesar do calor tropical, a platéa e galerias do Conservatorio e n'um enthusiasmo crescente o distincto violinista foi escutado. Applaudido apenas terminou a *Fantasia sueca* de Léonard, primeiro numero do programma, foi por todos reconhecida a optima escola em que fôra educado e notadas as principaes qualidades que o distinguem. O concerto continuou e as palmas foram unanimes Sentimento, nitidez de execução, afinação perfeita, resolução segura das maiores difficuldades, de quanto constitue a boa arte d'um executante provou Nicolino estar de posse, não havendo segredos que lhe sejam vedados. Terminou o concerto pela execução da Zamacueca de que Nicolino é auctor, e os applausos ainda cresceram no final, sendo bisado o trecho a pedido de todos os ouvintes.

Colheram palmas tambem os srs. Hernani Torres e Julio Cordona, que ao piano acompanharam o seu collega, e o sr. J. Neuparth, auctor da *Serénade exquise* e de *Alla mazurka*, numeros deliciosamente interpretados por Nicolino.

Foi Affonso Taveira quem do Brazil nos trouxe o eximio violinista, que se encarregou da tarefa cheia de responsabilidade de substituir Cyriaco de Cardoso no logar de regente de orchestra no theatro do Principe Real do Porto.

Nicolino Milano fez toda a sua educação musical no Conservatorio do Rio de Janeiro, estabelecimento que muito vem honrar na Europa, demonstrando, o que não ignoravamos, como as artes são cultivadas no Brazil.

Demorar-se-ha Nicolino entre nós? E' de esperar.

Innegavelmente o gosto pela musica tem feito progressos em Portugal. O enthusiasmo que vimos domingo no Conservatorio e muitos outros exemplos são eloquente prova do que affirmamos. Mas d'ahi a suppormos que pode entre nós viver desafogadamente um artista, n'um meio que lhe seja sympathico, ainda vai muito longe.

Bom é que se caminhe, e não vêm a pello a queixa de morosidade do andamento, senão pela comparação que involuntariamente fazemos do que acontece no nosso paiz e do que vemos n'outros que as musas bafejaram com muito melhor sorte. Bastar-nos-ha sahir a fronteira.

Os musicos em Portugal, onde os houve de primeira ordem, distinctissimos em todo o decorrer do seculo que findou, encontraram, fóra rarissimas excepções d'um ou d'outro Mecenas, sempre para elles a vida dura e difficil. Muitos morreram na miseria e na miseria deixaram os seus. Quantas vezes temos visto a filha do grande musico Casimiro appellando para a caridade! Pois lá continua cega, doente, morrendo de fome n'um triste boraco, na travessa da Agua de Flor, 19, onde o leitor, se quizer, lhe poderá levar a sua esmola, e meditar um nada sobre o que vale n'esta nossa terra essa vã coisa a que se chama gloria, que tanta inveja incita e tantos inimigos cria aos artistas.

De que serve á desgraçadinha o nome glorioso que lhe deixou seu pae, se hoje, velha e impossibilitada de trabalhar, não lhe vale a gloria herdada um bocadinho de pão no padeiro?

E entretanto, por toda a parte, quantos a esta hora estão sonhando immortalisar o nome, curvados sobre a banca do trabalho, depois d'uma horrivel noite de insomnia, atraz d'um sonho que não chega ou, quando chega, breve se transforma em pezadêlo?

Os inglezes entendem a gloria por outra fórma, como o demonstra a pensão agora concedida a Lord Roberts, o vencedor do Transvaal. Esse ao menos não terá que temperar a comida com os loiros da corôa, ultimo, detestavel remedio para muitos. Deram-lhe cem mil libras ainda antes que a guerra estivesse terminada, o que não será pequeno incentivo para os muitos, que na Africa do sul ainda hão de arriscar a vida.

A guerra não terminou por ora e Kruger affirma que os africanders cada vez se acham mais firmes no proposito de continuar a lucta. Os boers não querem amnistia nem protectorado; desejam a sua independencia e liberdade illimitada.

Kruger continua por emquanto na Europa, dizendo-se ora que vai aos Estados-Unidos, ora que brevemente partirá para o Transvaal. Segundo um telegramma de Paris o ex-presidente affirmou em Scheveningem ao escriptor Henri des Hout que nada tinha por emquanto resolvido sobre a viagem á America

As attenções cançaram e a guerra da Africa do Sul não inspira já os longos artigos, com que foi commentada no seu começo.

Chamam agora as attenções a Colombia e a Venezuela, como a chamaram Hespanha e Cuba e os boxers na China contra os europeus.

E, quando se não fala de guerra, é de congressos de paz.

De que teem elles servido porém? De que utilidade foram a nobre iniciativa do Tzar da Russia e o muito que se tentou na Haya fazer-se? Quantas guerras depois! Como as ambições humanas são mais fortes que todos os philopbos e moralistas!

Falleceu, ha poucos dias, a Imperatriz Victoria, viuva do Imperador Frederico de Allemanha e filha da recem-fallecida Rainha de Inglaterra. Diz-se que seu marido, que tão curto reinado teve, era partidario da paz e que foi com muita dôr que tomou parte na guerra franco prussiana, quando era simplesmente principe real da Prussia. Brilhante foi seu commando e da gloria que os prussianos conquistaram grande parte lhe coube Mas quanto lhe custaria cumprir seu dever, se a consciencia lhe dizia que melhor foram outros meios para engrandecer o Imperio! Os proprios francezes na hora de maior provação, mostraram pelo principe uma certa sympathia, e, quando elle falleceu, depois de mezes de horriveis soffrimentos, e quando ainda se ignoravam as tenções do joven imperador Guilherme, seu filho, a morte de Frederico foi considerada na Europa uma verdadeira calamidade.

O fallecimento da imperatriz-mãe tem dado occasião a profundas manifestações de sentimento em toda a Allemanha, onde era muito querida.

Seu nome foi muito falado, quando, estando doente o Imperador, ella assumiu a responsabilidade de chamar para junto da cabeceira do enfermo um medico inglez de sua confiança, tendo desesperado da sciencia dos clinicos allemães.

Diz-se que Bismarck encontrára sempre na Imperatriz Victoria uma terrivel adversaria.

E, sentados á nossa mesa de trabalho, no instante em que por dever de chronista falavamos da morta illustre e pensavamos que tomáramos nunca ter de escrever n'estas columnas um necrologio, trouxeram-nos os jornaes a triste noticia da morte d'um portuguez de alto valor politico, jornalista dos melhores, dramaturgo dos que mais fartos applausos colheram, o conselheiro Antonio Ennes.

Não foi surpreza para ninguem, que Antonio Ennes ha muito se achava doente e desde ha dias todos sabiam que para muito breve estava o final de tantos mezes de soffrimento.

N'outras columnas do OCCIDENTE se publicam pormenores de sua vida e morte, queremos sómente aqui manifestar em curtas linhas a expressão do nosso pesar pelo desapparecimento de quem tantas glorias para o seu nome conquistou e pelo seu trabalho constante repartiu pelos seus companheiros na politica e por quantos se illustraram no que maior honra a Portugal trouxe nas ultimas campanhas d'Africa

O nome de Antonio Ennes está indissoluvelmente ligado a outros combates ainda, menos gloriosos talvez, mas em que sempre demonstrou o pulso de gigante que o tornou respeitado até pelos mais encarniçados adversarios. Como jornalista foi Antonio Ennes dos primeiros entre nós. Os maiores teve ás vezes por competidores; bateu-se sempre gloriosamente.

O theatro que o atrahiu, parece que depois o amargurou; mas raros auctores em Portugal tiveram exitos comparaveis aos dos *Lazaristas*, *Engeitados* e *Saltimbanco*.

Trabalhou muito, apesar da sua organisação muito debil, trabalhou até que prostrado pela doença, adivinhando a morte proxima, um dia, recolhendo, abatido e triste, a sua casa de Queluz, disse que só d'ali sahiria para a ultima viagem.

Sahiu-lhe certo o presentimento.

Antonio Ennes teve muitos inimigos, e não admira. Mas esses mesmos lhe escreveram sentidos necrologios, porque afinal de contas, a verdade é esta: morreu um homem a quem a patria deveu muito.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA DE REGUENGOS DE MONSARAZ

É do conceituado architecto o sr. Antonio José Dias da Silva o projecto da egreja de Reguengos de Monsaraz, que reproduzimos em gravura.

O novo edificio construido sob a direcção do sr. José Maria Ribeiro, de Evora, é por sem duvida, uma das construcções mais notaveis que modernamente se tem feito em Portugal, como se póde vêr da gravura e da descripção que encontramos na bella revista *A Construcção Moderna* e que transcrevemos com a devida venia.

A egreja parochial da villa de Reguengos do Monsaraz, que tem sido erigida com o producto de um legado e de subscripção publica é um grande e imponente edificio, em estylo gothico, muito simplificado, de construcção completamente nova, incluindo os fundamentos. E' todo feito de tijolo fabricado na localidade, junto á obra, segundo o systema adoptado no Alemtejo. De pedra granito, que é a unica d'ali, tem no corpo do edificio os seus vinte gigantes dos arcos lateraes, e á frente, em volta da torre, os nove portaes das entradas principaes e lateraes, e toda a cortina com os seus respectivos pilares dos gradeamentos, as tres cancellas d'entradas, principal e lateraes, o que tudo constitue a vedação geral do adro; os degraus e couceiras das portas, etc., etc.

Occupa uma area quadrada de mil metros, pois tem vinte de frente e cincoenta de fundo. A sua altura do solo ao extremo superior da cruz da torre é de cerca de quarenta metros e desenove por fóra ao espigão do telhado, no corpo ou cruzeiro da egreja, onde attinge a corôa da nave central.

As abobadas ou coberturas geraes do edificio foram todas feitas pelo systema alemtejano, isto é, sem auxilio algum de cambotas. Os materiaes, tijolo e a cal, são de tão boa qualidade e fabrico d'ali que offerecem toda a confiança, do que resulta enorme economia pelo pouco material a empregar, e d'aqui dimana a elegancia do edificio pela construcção leve e muito agradavel aos olhos do observador.

Cabe aqui notar o contraste d'esta e todas as construcções executadas ao sul do nosso paiz, com os d'esta nossa provincia, onde, quasi geralmente, se praticam abusos com a força dos materiaes em espessuras, a maior parte das vezes por ignorancia, outras por medo, e outras ainda por errados calculos de resistencia, com especialidade na construcção de abobadas e abobadilhas, quando applicadas a supportar mais pezo com a menor espessura possivel.

Temos, pois, n'este e n'outros edificios identicos a prova d'isto, reconhecida como está a segura e definida estabilidade pela duração. E, note-se, isto em solos muito mais atreitos e castigados com os constantes movimentos e tremores de terra, comparando com os nossos, onde, felizmente é bem raro havel-os.

Tem, pois, o edificio de que vimos tratando, os mais frisantes exemplos, de que se póde fazer das melhores e mais solidas construcções, com muito menos dispendio, obtendo se completa confiança e a maxima economia.

Quantas vezes é superior o pezo dos proprios materiaes empregados ao que elles teem de supportar? D'aqui, tres grandes males: 1.º dispendio superfluo; 2.º, o dispensavel mau effeito das enormes massas; 3.º, as faceis derrocadas provenientes dos referidos excessos de pezo ou carga dos materiaes.

Quantos ignorantes, que se impõem, julgariam que o elegante corêto da nossa Avenida da Liberdade, o mais bonito que temos visto, viria a ser levado pelos ares, com o vento?

Pois, embora pequeno o edificio, estudem ali e n'outros identicos, que é bem melhor do que praticarem selvagerias com os taes encantados calculos, quando d'elles resultem por medo, filho da ignorancia, as enormes massas, nos dois casos: os materiaes e o dinheiro.

O edificio de que vimos tratando, em geral e por completo, dispensou qualquer madeiramento para a sua total cobertura, pois é todo coberto de simples abobadas e abobadilhas, relativamente bem delgadas (entre sete a dez centimetros de espessura), e bem assim, os pavimentos e escadas interiores já feitas como são; os pisos das tribunas do cruzeiro e aos lados da capella-mór; o piso do côro e suas duas escadas de caracol; etc., etc., tudo feito de tijolo.

Tem o edificio todas as dependencias proprias de uma egreja parochial. Capellas, tem alem da capella-mór, nos topos do cruzeiro, a do Santissimo e a do Santo Padroeiro da terra, em frente áquella. Mais oito, sendo duas sob as tribunas e seis aos lados do corpo da egreja, sob as naves lateraes. Tem a capella do baptisterio e outra egual em frente d'aquella.

Dois pulpitos, proximos ao cruzeiro, ligados aos dois respectivos collumnellos correspondentes.

Do côro ha a escada que conduz ao mirante em volta do obelisco da torre, d'onde se gosa o mais deslumbrante e pittoresco dos panoramas que temos visto, d'um effeito encantador, que alegra o espirito.

Como se vê na gravura geral do edificio, os vãos das portas e janellas, estão tapados com tijolos, até que se colloquem as portas e caixilhos do edificio, que estão projectados em ferro com vitraes.

O importe de toda a obra, até ao estado actual terá sido approximadamente de 25:000$000 réis e estão calculados oito contos de réis para a sua completa conclusão.

De tudo o que acabamos de expôr o que é mais inacreditavel é o diminuto custo de tão importante obra. Concorreu para isso, em parte, o diminuto salario dos operarios, no Alemtejo, pois que, tanto os mais inferiores, como os mais superiores, encarregados, etc., vencem menos 50 % do que em Lisboa.

Pelo que se vê, á sua construcção presidiu todo o cuidado, maximo zelo e seriedade em todos os seus dispendios, ainda que por mais insignificantes.

Isto, ou antes, este milagre (chamemos-lhe assim,

visto que se trata d'uma egreja), foi de certo devido, não só á pouco vulgar honestidade e completo desinteresse dos mais altos administradores da obra, mas, muito principalmente, a quem presidiu a essa administração, o sr. Godinho Leal, o qual, segundo nos consta, até auxiliou a obra gratuitamente, com os seus trabalhadores, gado e carros da sua lavoura, sempre que podia dispensal-os, o que poupou contos de réis, o que facilmente se comprehende com o relativamente pequeno importe de tão grandioso edificio.

Além d'isso o sr. Leal, a quem Reguengos de Monsaraz mais deve o possuir este monumento, sacrificou mais do que a sua bolsa; sacrificou tambem a sua saude com a sua presença na obra, quasi constante, sob todas as intemperies, afim de poupar, quanto possivel, as despezas com o architecto fiscal da construcção e do seu mestre, em visitas á obra.

E' innegavel, pois, que o obter-se o maior trabalho util e o menor custo da obra, a ponto de todos os entendidos no assumpto, se admirarem da sua diminuta despeza, se deve em grande parte ao acrisolado patriotismo e abnegação do sr. Godinho Leal. Esta verdade que todos os homens de boa fé não podem contestar, honra sobremaneira o mencionado cavalheiro, digno a todos os respeitos, da consideração e estima dos seus conterraneos.

Não fecharemos esta, talvez demasiada longa noticia, sem praticar um acto de justiça, felicitando o constructor de tão importante obra, o sr. José Maria Ribeiro, de Evora, pela intelligencia e boa vontade como levou a cabo um trabalho que não é dos mais faceis em construcção.

MAUSOLEO DAS VICTIMAS DO INCENDIO NO CLUB ARTISTICO EM SANTAREM

Em 13 do mez de maio ultimo foi inaugurado no cemiterio de Santarem o mausoleo ahi erecto por subscripção publica, afim de n'elle se guardarem as ossadas das victimas do terrivel incendio no Club Artistico da mesma cidade succedido em a noite de segunda-feira gorda de 1896, catastrophe que tão grande emoção causou em todo o paiz.

Ao commovente acto da trasladação das ossadas assistiram, prestando-lhe a derradeira homenagem, os srs. governador civil, presidente da camara, empregados da secretaria, conselheiro delegado do thesouro, reitor, professores e estudantes do lyceu, director e empregados das obras publicas, representantes do seminario, collegio de Santarem, escola agricola; repartição de fazenda, corporações dos bombeiros municipaes e voluntarios, representantes das bandas Ribeirense, e dos Voluntarios, da Associação Commercial, Gremio e Club Artistico, Monte-pio Artistico, Monte do Carmo, Scalabitano e Ribeirense, com os seus estandartes envoltos em crepes, representantes da imprensa da provincia e da capital, a commissão executiva do mausoleo e grande concurso de povo.

As ossadas das 34 victimas foram guardadas em urnas apropriadas, e logo que as depozeram nos degraos do mausoleo ficaram cobertas de flores, lançadas pelas pessoas de familia que alli choravam a perda dos entes queridos.

Em nome da commissão do mausoleo, usou da palavra o sr. Guilherme do Carmo Nazareth; em seguida o sr. Victor Avellar, proferindo ambos sentidos discursos, que muito commoveram os circumstantes.

Em seguida foram as urnas collocadas nos respectivos logares que são 32, sendo 8 por cada face do monumento. As outras duas foram guardadas em jazigos de familia.

O mausoleo, como se vê da nossa gravura, é um elegante monumento, tendo custado cerca de réis 1:400$000. Em sua volta deve brevemente ser collocada uma grade, onde serão depostas as numerosas corôas offerecidas por occasião dos funeraes.

O CANTADOR MANUEL ALVES

A poesia popular portugueza perdeu ha pouco um dos seus mais genuinos cantadores, cujo nome ainda ultimamente echoou no turbilhão da livraria, com a collecção dos seus versos, publicada sobre o suggestivo titulo de *Versos de um cavador.*

Deve-se essa edição a um seu tão fanatico quão illustrado admirador, o sr. Thomaz da Fonseca, a quem se não podem regatear louvores pela bella idéa que teve, agora accrescida de valor com a morte do modesto poeta.

Teve o livro uma extracção grande, completa, o que mostra bem que o publico que lê sabe apreciar a espontaneidade e a simplicidade da musa do povo, onde o sentimento brota sem arrebiques nem artificios.

N'um dos nossos ultimos numeros tivémos ensejo de nos referir a um outro poeta popular, egualmente modesto e inculto, e não menos apreciavel—Antonio Eusebio, o *Calafate.* Este representa o sul, aquelle o norte de Portugal, pois que vivia na Bairrada, em Valle de Boi. A sua sepultura está no cemiterio da Moita, risonha povoação da Beira Baixa, na região onde elle fazia ouvir os seus cantos.

Registando a morte de Manuel Alves publicou o nosso prezado collega *Mala da Europa* o retrato que reproduzimos, acompanhado de um interessante artigo escripto da Anadia em 10 de julho ultimo pelo sr. Rodrigues de Moura. A esse artigo nos soccorremos, recortando, com a devida venia, os periodos seguintes, que constituem preciosos elementos biographicos do poeta:

«Dotado de uma extraordinaria veia poetica, principiou, muito novo ainda, a frequentar os arraiaes, onde, ao desafio, cantava, improvisando, durante horas e horas consecutivas. Era tal a sua inspiração, tão cheios de espirito e de sentimento os seus versos, improvisava de uma fórma tão repentina, com tanta facilidade e, em resumo, tão bem, que, em pouco tempo, conseguiu uma fama enorme, a ponto de, em toda esta provincia, não haver ninguem que não conhecesse o *Alves.*

Durante a sua mocidade não se fez, n'esses sitios, um arraial onde elle não fosse, sempre acompanhado do seu inseparavel bordão, prompto para cantar, frente a frente, com o primeiro que lhe apparecesse e quizesse experimentar a causticidade dos seus versos.

Chegava. Ouvia o som da viola, approximava-se e... d'ahi a instantes, era vel-o já em desafio com os cantadores da epocha, rodeado de toda a população do arraial. Tudo queria ver o *Alves!* Tudo queria ouvir o *Alves de Valle de Boi!*

E elle, encostado ao seu cacete, fumando sem cessar, cantava no meio de toda aquella massa de gente que no fim phreneticamente o applaudia.

E' que o Alves não era um *cantador* vulgar, d'estes cantadores á laia de moço de cego. Era, apesar de analphabeto, um cantador que improvisava, mas improvisava versos de primeira ordem, bons, umas vezes cheios de finissima graça, outras repletos de sentimento.»

....

«Tinha uma memoria prodigiosa e uma extraordinaria vocação para todos os generos de poesia, sabendo de côr quantos versos improvisava.

Umas vezes era sentimental, outras vezes comico. Moralista e philosopho, cantou o Bem e a Verdade; como erotico e jocoso fez versos de merecimento, que a mocidade do seu tempo decorou, reproduzindo-os nas horas de ocio e nas occasiões de esturdia. Era revolucionario e patriota; amava a patria em extremo e a nostalgia foi o que o fez regressar do Brazil, onde pouco tempo esteve, ao seu querido ninho de Valle de Boi.

E lá, longe do seu paiz e da sua aldeia natal, tinha improvisos, como este, que elle para ahi deixou com o titulo de *Saudades da Patria:*

«Pela Patria chorei tanto
Quando me vi no Brazil!
Chorei lagrimas ás mil,
Dei liberdade ao meu pranto.
Chorei o meu torrão santo,
O melhor de todo o mundo,
Chorei lagrimas do fundo
Da raiz do coração.

Não pensei que a saudade
Pela Patria fôsse tanta!
Mas minha Patria é uma santa
P'r'os filhos da liberdade.
E' mãe e tem caridade,
E' valente e é guerreira;
Tem dó, mas é justiceira:
Dá castigo aos infieis,
E' exacta nas suas leis,
Não ha mãe mais verdadeira.

Ella é mãe e tem amor,
E se dá castigo ao pobre,
Dá tambem castigo ao nobre
Com mais audacia e rigor.
Castiga quem quer que fôr,
Ou ministro ou patriarcha...
De Noé é a santa Arca,
A mãe-patria é um paraiso?
Castiga, sendo preciso,
Ao seu rei, ao seu monarcha.

Grande patria portugueza,
Quem deixará de te amar?
Quem nas terras d'além mar
Viu qual foi tua nobreza?...
Nobre é tua realeza,
Nobres são os teus guerreiros,
Nobres são teus cavalleiros,
São nobres os teus pendões,
São-no tambem teus canhões,
Como o são teus marinheiros!

A morte no meu paiz
Como aqui tambem é morte;
Mas quem la morre por sorte
E' no morrer mais feliz:
Logo os sinos da matriz
Dão o funebre signal..
Aqui segredo leal
Té baixar á sepultura.
Porém se a morte é doçura
E' mais doce em Portugal.

Aqui onde morre tanto
Cidadão meu portuguez
Não se escuta uma só vez
Os echos do bronze santo!
Aqui não se verte pranto,
Não se chora o cidadão,
Ninguem lembra uma oração
Por alma do velho pae!
Aqui não se escuta um ai
Nascido do coração!

Minha Patria, ó mãe querida,
O' meu sagrado ideal,
Leva-me ao meu Portugal,
Juro por ti dar a vida!
N'este paiz sem guarida
Ha um filho que te quer tanto...
Vem Patria, enxugar meu pranto,
Consolar um peito humano:
Leva-me ao lar lusitano,
Ao meu berço sacrosanto.»

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1864-1895

Uma innovação no theatro de S. Carlos; ausencia completa de portuguezes na orchestra—Musicos italianos—O maestro Goula—Bella execução de diversas composições pela orchestra de italianos—Como no fim da estação theatral os musicos italianos já estavam tão relaxados como os portuguezes—Companhia lyrica—Repertorio—Opera nova—*Manon*, de Massenet—Recitas extraordinarias—Pouca concorrencia do publico—Decadencia do tenor Masini—Concertos pela orchestra e pela rebequista Amelia Montenegro—Diminuta concorrencia—*O Barbeiro de Sevilha* representado só por mulheres—O maestro brazileiro Carlos Gomes no theatro de S. Carlos—Grande ovação do publico—Missa na egreja da Encarnação por alma do maestro Mancinelli—Os progressos dramaticos de Regina Pacini—Como continuou n'esta epocha a haver poucas recitas, muitas operas e variadissimos cantores—A arte de Terpsichore continúa no auge da decadencia—As troças do publico ao corpo de baile—Grande banquete dado em S. Carlos ao dr. Assis Brazil, ministro da republica brazileira—Concertos classicos no salão inferior do theatro de S. Carlos—A opera *Ernani* cantada por portuguezes no theatro D. Amelia.

Debutou a epocha lyrica do theatro de S. Carlos de Lisboa, de 1894-1895, com uma particularidade, que se não havia ainda produzido desde a inauguração do theatro em 1793. Foi não haver na orchestra um unico musico portuguez.

Todos os instrumentistas eram italianos.

A orchestra continha alguns excellentes artistas, sobre tudo nos latões e rebecas. Dirigida pelo maestro hespanhol já conhecido dos portuguezes, D. Juan Goula, uma das primeiras batutas do mundo lyrico, executou brilhantemente diversas composições de concerto.

Tinham, porém, um pessimo costume os musicos d'esta orchestra: era fazerem um charivari infernal, afinando, todos simultaneamente, os seus instrumentos, no proprio recinto da orchestra! vicio que tinha desapparecido, havia muitos annos, graças aos esforços do maestro Guilherme Cossoul, quando fôra director da orchestra de S. Carlos.

Fez a sua apresentação no theatro de S. Carlos, a nova orchestra italiana, em um concerto, offerecido pela empreza aos assignantes e á imprensa, em 20 de dezembro de 1894. N'este concerto, dado expressamente para se apreciar o valor da orchestra, houve trechos mui bem executados, tanto em solos como no *ensemble.* Agradou sobre tudo a rapsodia de Liszt que foi tocada com extraordinario brio e não vulgar energia.

Esta orchestra, que executou com notavel precisão e colorido, fazendo realçar as operas, no principio da epocha lyrica, depois, a pouco e pouco, foi experimentando a influencia do meio, deixando eivar-se dos vicios da terra, tornando se os artistas successivamente distrahidos e descuidados, de modo que, na segunda metade da estação, já parecia um conjuncto de musicos portuguezes.

No fim da epocha, por desintelligencias com a empreza, e receios financeiros, fugiram alguns dos artistas italianos, que foram então substituidos por instrumentistas portuguezes.

Eis o elencho da companhia lyrica do theatro de S. Carlos na epocha de 1894-1895:

Damas: Hariclée Darclée, Adéle Gini Pizzorni, Maria de Macchi, Regina Pacini, Saffo Bellincioni (meio soprano), Cesira Pagnoni (meio soprano), Guerrina Fabri (comprimaria), Giannini, Annetta Baronne, Maria Ubaldi (comprimaria), Marie Ballier.

Tenores: Angelo Masini, Michele Mariacher, Emilio de Marchi, Giuseppe Moretti, Francesco Pandolfini, Angelo Chinelli, Ricardo Sillingardi (comprimario).
Barytonos: Edoardo Camera, Giuseppe Kaschmann, Gualtiero Pagnoni, Aragó, Arcangelo Rossi (buffo).
Baixos: Francesco Uetam, Augusto Dadó, Napoleone Limonta (comprimario), Cervi (segundo baixo).

Orfeo, de Gluck, em 27 de dezembro, por Guerrini Fabri, Cesira Pagnoni, Annetta Baronne.
Mefistofele, de Boito, em 30 de dezembro, por Gini, Cesira Pagnoni, Marchi, (e depois Moretti), Francesco Uetam, Sillingardi.
La Sonnambula, de Bellini, em 1 de janeiro de 1895, por Pacini, Baronne, Ubaldi, Pandolfini, Dadó, Sillingardi, Cervi.
Il Barbiere di Siviglia, de Rossini, em 8 de janeiro, por Pacini, Ubaldi, Pandolfini, (e depois Macchi, Baronne, Ubaldi, Marchi, Camera, Dadó, Limonta, Cervi, Sillingardi, Ghidotti.
Il Capuletti ed i Montecchi, de Bellini, em 3 de fevereiro, por Fabri, Baronne, Chinelli, Limonta e Sillingardi.
Lucrezia Borgia, de Donizetti, em 6 de fevereiro, por Gini, Fabri, (e depois Pagnoni), Masini, (e depois Moretti), Dadó, Cervi, Limonta, Sillingardi, Marco e Ghidotti. No 3.º acto Masini cantou uma romanza, *Solo rimasi misero*, de Goula.

EGREJA DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Choreographo: Giuseppe Mazucchi.
Maestros: Giovanni Goula, Vincenzo Pintorno, Cesare Bonafous (dos coros).
Eis o reportorio na epocha de 1894-1895:
Fausto, de Gounod, em 23 de dezembro de 1894, por Maria de Macchi, Cesira Pagnoni, Maria Ubaldi, Francesco Pandolfini, Edoardo Camera, Augusto Dadó, Cervi.
Gioconda, de Ponchielli, em 25 de dezembro, por Adele Gini Pizzorni, Saffo Bellincioni, Cesira Pagnoni, Emilio de Marchi, (e depois Giuseppe Moretti), Edoardo Camera, (e depois Aragó), Ricardo Sillingardi, Cervi.

Lucia di Lammermoor, de Donizetti, em 9 de fevereiro, por Pacini, Ubaldi, Marchi (e depois Moretti), Camera, (e depois Pagnoni), Chinelli, (e depois Sillingardi), Limonta, Ghidotti.

sini), Gualtiero Pagnoni, Arcangelo Rossi, Uetam, e depois Dadó, Cervi, Ghidotti. No 3.º acto, Regina Pacini cantou as variações de Proch, e a valsa de *Mireille*, de Gounod.
Lohengrin, de Wagner, em 10 de janeiro, por Macchi, Bellincioni, Marchi, Gualtiero Pagnoni, Dadó, Limonta.
L'Elisire d'amore, de Donizetti, em 17 de janeiro, por Pacini, Giannini, Masini, Pagnoni, Rossi.
La Cenerentola, de Rossini, em 20 de janeiro, por Fabri, Baronne, Giannini, Gualtiero Pagnoni, Chinelli, Rossi, Limonta.
L'Africana, de Meyerbeer, em 19 de janeiro,

Aida, de Verdi, em 19 de fevereiro, por Gini, Fabri, Mariacher, Camera, Dadó, Limonta, Sillingardi.
La Traviata, de Verdi, em 21 de fevereiro, por Darclée, Ubaldi, Moretti, Gualtiero Pagnoni, Limonta, Cervi, Sillingardi, Ghidotti.
L'italiana in Algeri, de Rossini, em 23 de fevereiro, por Fabri, Baronne, Ubaldi, Chinelli, Dadó, Rossi, Cervi.

O Real Theatro de S. Carlos

MAESTRO ROSSINI

MAESTRO CARLOS GOMES

Crispino e la Comare, de Ricci, em 24 de fevereiro, por Pacini, Cesira Pagnoni, Chinelli, Gualtiero Pagnoni, Rossi, Cervi.

Manon, de Massenet, em 13 de março, por Pacini, Cesira Pagnoni, Baronne, Giannini, Ubaldi, Moretti, Gualtiero Pagnoni, Dadó, Rossi, Limonta, Sillingardi, Cervi.

Hamlet, de Ambroise Thomás, em 26 de março, por Pacini, Bellincioni, Kaschmann, Dadó, Chinelli, Limonta, Sillingardi, Cervi, Ghidotti.

Cavalleria rusticana, de Mascagni, em 28 de março, por Gini, Pagnoni (Cesira), Marie Ballier, Moretti, Aragó.

Rigoletto, de Verdi, em 7 de abril, por Pacini, Cesira Pagnoni, Ubaldi, Moretti, Kaschmann, Dadó, Limonta, Sillingardi, Cervi.

O tenor Masini cantou em 9 recitas, sendo aberta assignatura extraordinaria, que porém não teve concorrencia, de modo que o celebre tenor cantou apenas em duas recitas extraordinarias pelos preços elevados; as restantes recitas foram de assignatura ordinaria.

As recitas em que cantou Masini foram:

1.ª (extraordinaria), em 17 de janeiro de 1895, com a opera *Elisire d'amore*, de Donizetti.

2.ª (ordinaria), em 24 de janeiro, *Elisire d'amore*.

3.ª idem, em 26 de janeiro, *Barbiere di Siviglia*, de Rossini.

4.ª, idem, em 29 de janeiro, *Elisire d'amore*.

5.ª, idem, em 31 de janeiro, *Barbiere di Siviglia*.

6.ª (extraordinaria), que se annunciou de despedida de Masini, em 6 de fevereiro, *Lucrezia Borgia*, de Donizetti.

7.ª (ordinaria), em 7 de fevereiro, *Lucrezia Borgia*.

8.ª, idem, em 10 de janeiro, *Elisire d'amore*.

9.ª, idem, em despedida, em 12 de fevereiro, *Lucrezia Borgia*.

A embreza annunciou, n'esta epocha, a assignatura de seis concertos de orchestra, tomando tambem parte a solo a rebequista Amelia Montenegro.

Os preços foram os seguintes:

	Por assignatura	Avulso
Frizas........	5$000	6$000
1.º ordem......	6$000	7$000
2.ª »	3$000	4$000
3.ª »	2$500	3$000
Torrinhas......	2$000	2$500
Cadeiras.......	800	1$000
Galerias.......	400	500
Varandas ou entrada geral.....		200

A concorrencia tanto de assignatura como de entrada avulsa, foi diminutissima.

Os concertos verificaram-se:

1.º em 7 de janeiro, á noite.

2.º em 18 de janeiro, á noite.

3.º em 28 de janeiro, ás 2 horas da tarde.

4.º em 28 de janeiro, beneficio da violinista Montenegro, á noite.

5.º em 8 de fevereiro, á noite.

6.º em 15 de fevereiro, á noite.

Em 26 de fevereiro de 1895, terça feira de entrudo, deu-se a opera *Barbiere di Siviglia*, de Rossini, desempenhada só por mulheres, a saber: Pacini, Ubaldi, Gini, Bellincioni, De Machi, Fabri, Pagnoni; depois houve baile de mascaras. A sala foi decorada pelo insigne caricaturista Raphael Bordallo Pinheiro.

A formosa opera buffa *Il Barbiere di Siviglia*, do grande maestro Rossini, apesar de contar n'esta epocha quasi oitenta annos, pois foi composta em 1816, tem o condão de parecer sempre viçosa, fresca e joven; rara é a epocha em que deixa de se dar tão sublime composição, e sempre se torna agradavel a sua audição, apesar de muitas vezes ser mal cantada.

Em 4 de março, que fazia um anno que o maestro Marino Mancinelli se havia suicidado no Rio de Janeiro, houve, na egreja da Encarnação, uma missa mandada dizer por João de

MAUSOLEO DAS VICTIMAS DO INCENDIO DE SANTAREM

(Copia de photographia do sr. José Hermida)

Freitas Rego, com musica, pelos cantores e orchestra do theatro de S. Carlos.

Na noite de 17 de março de 1895, em que se representava a opera *Manon*, de Massenet, esteve no camarote n.º 28 da 1.ª ordem o maestro brazileiro Carlos Gomes. Em homenagem ao illustre espectador, a orchestra, no 3.º intervallo, tocou a abertura da opera *Guarany*, d'aquelle maestro, que foi brilhantemente executada, sendo bizada com grande enthusiasmo. O publico fez uma estrepitosa ovação ao maestro Gomes, e ao maestro Goula, que dirigia a orchestra. O rei D. Carlos I, que se achava no seu camarote, chamou o maestro Gomes, e deu-lhe a commenda de S. Thiago.

Depois da 48.ª recita de assignatura ordinaria, a empreza suspendeu estas recitas, e durante a interrupção deu recitas extraordinarias.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

A «BIBLIA DOS JERONYMOS»

A historia interna e externa dos preciosissimos codices illustrados conhecidos por aquella designação que nos serve de epigraphe adquiriu ha pouco importantes subsidios com dois notaveis documentos. O primeiro é o contracto firmado em Florença, a 23 de abril de 1494, entre Clemente Sernigi, negociante florentino, e o miniaturista Vante di Gabriello Actavanti, afim d'este se encarregar por certo preço de miniaturar sete livros manuscriptos em pergaminho, contendo os commentarios á Biblia de Nicolau de Lyra e mais um com o *Mestre das Sentenças*. O segundo é a menção que d'estes volumes se encontra no rol dos livros do inventario de D. Manoel.

Ambos estes documentos foram ultimamente divulgados. Ao contracto reproduziu-o o rev. Prospero Peragallo no seu interessante opusculo *La bibbia dos Jeronymos e la bibbia di Clemente Sernigi*; o rol da livraria do rei afortunado constituira objecto d'uma memoria apresentada á Academia Real das Sciencias pelo seu socio sr. Sousa Viterbo. Os dois eruditos investigadores, embora se não completem, offerecem n'estes seus trabalhos valiosissimas indicações sobre a magnifica biblia, as quaes muito importa ponderar.

Da historia interna apenas se conheciam os nomes dos calligraphos dos codices, em alguns dos quaes se encontra a respectiva rubrica, suppondo-se por vezes que elles tambem os tivessem illuminado, o que deu logar á pequena confusão que fizemos, quando ha annos aqui tratámos do bello manuscripto [1], e que o rev. Prospero Peragallo esclareceu no seu referido opusculo.

Com o conhecimento do contracto florentino já não ha duvida possivel sobre quem fosse o habilissimo illuminador. Tão importante descobrimento vem rectificar varias asserções, que não devem persistir. Taes são, entre outras, o julgar-se, como o escreveu Ferdinand Denis em varios logares da sua introducção á reproducção chromolithographica do Missal de Estevam Gonçalves, *que um artista portuguez, ou quando menos, um pintor naturalisado, Antonio de Hollanda, participou largamente na execução, reservando um tomo inteiro para n'esse comprovar os seus talentos* e que esse volume teria sido o VII.

Quando em tempo examinámos os formosos codices não notámos qualquer differença no genero e na factura das illuminuras de fórma a auctorisar aquella affirmativa, que, embora lisongeira, vemos agora ser completamente infundada. Não a repetimos por ser evidente a homogeneidade artistica do manuscripto em todos os seus sete tomos.

O rev. Prospero Peragallo, em lucidas considerações criticas e historicas, mostra este erro, já bem reconhecido pela simples existencia do contracto de Sernigi; e ainda rebate a affirmativa de que a Biblia houvesse sido offerecida pelo papa a D. Manoel, o que sempre julgámos sem fundamento.

Sobre este ultimo ponto, na já referida *Memoria*, pondera o sr. Sousa Viterbo que «a dar-se este facto, tão valiosa circumstancia não deixaria de ser mencionada no testamento de D. Manoel e no rol dos livros do seu inventario, como aliás se indica a procedencia de outros, dizendo-se as pessoas que o doaram.»

Eis textualmente essa verba do inventario [2]:

«9.— It. Oyto liuros da Brribya que forom a Belem com suas gurnições per inteiro soomente a huũ deles faltaua huũa brocha, de latim, em purgaminho, de letra de mão, emluminados douro, cubertos de veludo cremesym, guarnecidos de prata dourada e anyallada *(sic)* e com oyto camtos cada huũ e com quatro fyuelas com suas charneiras com que sabrocham e oyto boulhões e dous escudos darmas em cada huũ, tudo de prata, e os boulhões soomente (é) huũ deles e todolos outros todalas outras peças, e huũ destes liuros he cuberto de veludo azull, que se chama *Mestre das Sentenças*, e tem huũ letereyro de de prata, e diz na recepta de Pedro Carualho que pesou toda a dita gurnyçã dos sete liuros destes oyto que estavam cubertos de veludo cremesym quorenta e cimquo marcos, seis onças sete oytauas, que Ruy Leite nã nos descrauou nem os frades de Belem, a que forom dados a elle.»

Identificando a encadernação moderna vê-se que ella é muito differente da primitiva acima descripta. Actualmente são os volumes encadernados com marroquim escarlate, com fechos e guarnições de prata dourada, com esmalte e com lavrados e differentes lavores, entre os quaes apparecem as armas de Portugal e a esphera armillar. Nas capas do quinto e do setimo volumes, tambem se vê o escudo das armas da rainha D. Izabel, primeira mulher d'aquelle monarcha.

Considera-se o mercador Clemente Sernigi como um agente de D. João II e D. Manoel para a execução d'esta primorosa obra, mas do contracto nada se pode inferir a este respeito. Ao illuminador não é isso declarado, embora o calligrapho do volume do *Mestre das Sentenças* mostre em sua subscripção saber que o volume era para o rei de Portugal.

Como veiu a Biblia ao poder de D. Manoel é outra interrogação a que ainda se não pode responder.

Aventa o rev. Peragallo a hypothese de que fosse presente da colonia florentina em Lisboa, com o intuito de captivar a benevolencia e protecção da côrte. E mostra a importancia dos italianos na capital portugueza, sendo certo que a um Jeronymo Sernigi, talvez da mesma familia do contractador dos codices, concedeu D. Manoel carta de armas em 4 de julho de 1515 e anteriormente a 25 de maio de 1511 os privilegios de cidadão de Lisboa, como o provam os documentos XVIII e XIX *in fine* da memoria do sr. Sousa Viterbo.

No contracto de Sernigi especificam-se assaz minuciosamente as decorações e ornamentos a fazer nos manuscrirtos e parece-nos que o illuminador seguiu tudo o combinado.

Registamos com muito prazer os dois trabalhos alludidos referentes á *Biblia dos Jeronymos*, não só porque o assumpto deve interessar altamente a quantos conhecem o precioso manuscripto illuminado, mas porque os leitores do OCCIDENTE terão assim mais completa a noticia que ácerca d'elle publicámos no volume XVIII, e ainda por prestar publica homenagem aos dois illustres investigadores.

Esteves Pereira.

[1] *Os manuscriptos illuminados*—art. III e IV— no OCCIDENTE, 1894.

[2] *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel — Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa por Sousa Viterbo*—1901.

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XV

Foi ha pouco imaginado um processo para simultaneamente revelar e fixar chapas, processo que tem dado optimos resultados.

Segundo o *Dilettante*, publicação italiana de especialidade no assumpto, as soluções que se devem preparar, são as seguintes:

A	Agua	75 c3.
	Sulphito de soda	15 gr.
	Soda caustica	7 »
	Pyro catéchine	7 »
B	Agua	100 c3.
	Hyposulphito de soda	20 gr.

Preparadas separadamente cada uma d'estas soluções, tomaremos oito partes da primeira, á qual juntaremos dez partes da segunda. Se á mistura d'estas duas soluções ainda lhe addicionarmos vinte partes de agua, e no total, mergulharmos a chapa que se pretende impressionar, teremos assim obtido, n'um unico banho a revelação e fixação da chapa, sem mais trabalho algum.

É como se vê, um meio muito rapido, e dos resultados que se tem tirado d'elle, é de prever que de futuro, ha de ser adoptado por todos aquelles que se dedicam a esta arte.

XVI

Um novo processo para reforçar um *cliché*, consiste em mergulhal-o no seguinte banho:

Sulpho-cyaneto de mercurio	10 gr.
Chloreto de sodio	10 »
Agua	500 »

D'esta forma, a imagem torna-se a pouco e pouco vizivel. Apenas se tenha attingido o *desideratum*, retira-se este do banho devendo em seguida, laval-o de novo, n'uma corrente de agua pura, durante dois ou tres minutos.

Se quizermos tornar o *cliché* ainda mais intenso, basta para isso que o mergulhemos n'um novo banho com a seguinte composição:

Agua	100 c3.
Ammoniaco	4 »

O *cliché* adquire então um tom acastanhado, tendendo muito para o negro.

Antonio A. O. Machado.

UM SEGREDO DE MULHER

POR

Eugenio Bertrand

I

Com ar sombrio e feroz, rosnando palavras fataes, não haveria talvez trez horas que o meu amigo Raul Guérac passeava de cá para lá na rua Saint Honoré, quando uma caleche, cujas portinholas com brazões pintados reflectiam as purpuras do poente, desembocou pela rua da Paz e parou, não longe d'elle, em frente d'um palacete de bonita apparencia.

Vinha na caleche o que uns chamam um anjo e demonio outros; Racine, objecto cheio de graças e o commum dos martyres, uma linda mulher.

Logo o meu amigo Raul pareceu outro: foram-se-lhe as incertezas, cuidados, tormentos de quem espera. Sob as patas dos cavallos, sob os flocos de espuma, que em torno sacudiam, arrastou-se, deslisou, metteu-se, e entreviu a rainha do seu sonhar.

Deliciosa, na verdade.

Aninhada nas almofadas, os olhos cheios de palhetas, faces floridas, sorria. Para quem e porquê? Para ninguem e porque sim. Sorria sempre. E' como se dissessemos que o sorriso deixava vêr uns dentes pequeninos, finos, de leitosa transparencia e separados como perolas d'um rosario.

Para contemplar esse escrinio vivo, fizéra Guérac sentinella durante trez horas; contemplou o e sem uma queixa o contemplaria até á consummação dos seculos. O desgraçado esse ponto de vista não o cançava nunca; havia dois mezes que o buscava quotidianamente. Era ingenuo, cavalheiresco e pouco hygienico, mas era amor, e Deus me livre de o censurar.

De pé, na valleta, o excellente rapaz embebedou-se em extasis; ondas de fogo assaltavam-lhe o coração; a admiração, os desejos, o desespero, saltaram-lhe ás guellas e por um triz não dão cabo d'elle... sobre tudo o desespero!... Ai, d'elle! Pois não era Raul para tão extraordinaria creatura um desconhecido?... Se alguma vez teria ella reparado n'elle? Talvez nem desconfiasse de que havia n'este mundo um homem chamado Raul Guérac de la Tournière de Fombreuse.

— Oh! exclamou ainda uma vez (e, Deus me perdôe, se não era a centesima em dois mezes) oh! vinte annos dava eu da minha vida para lhe ser apresentado!

E poz-se logo a desejar que um terramoto sorvesse a rua Saint Honoré, abismasse os dois lacaios, achatasse o cocheiro empoado, pulverisasse os cavallos, n'uma palavra, anniquilasse o mundo inteiro, excepto elle e aquella fada de apetite que forçosamente arrebataria para o deserto.

Inuteis votos!... Abriram-se as portas rangendo e já a carruagem desapparecia sob a abobada, onde ia desfazer-se a doce visão!

De repente Raul reparou n'um incidente singular.

A senhora estremeceu; deitou-se para traz, olhou, não fosse alguem vêl-a, e, córando, commovida, atrapalhada, fez um signal mysterioso a um homem que do passeio do outro lado a cumprimentava.

Foi coisa d'um segundo.

O homem afastou-se; a caleche desappareceu no palacete; o portão fechou-se com barulho, e Raul acordou, immovel, deslumbrado, petrificado

— Potencias celestes!... Será um rival?

Tal foi o seu primeiro grito. Um minuto depois voava no rasto do inesperado competidor.

Offegante, de sobr'olho franzido, labios embranquecidos pelo ciume, seguiu o primeiro para vêr-lhe as maneiras; depois, ameaçador e terrivel, ganhou terreno e voltou-se para lhe vêr a phisionomia e a cara.

Ora o tal sujeito não tinha phisionomia e a cara era completamente muda.

Tinha grandes suissas luzidias, um enorme chapéu de chuva, um collete roxo, uma cadeia d'oiro, um alfinete d'oiro na gravata, botões d'oiro nos punhos, e anneis d'oiro em todos os dez dedos. Suava copiosamente como convinha a um homem pequenino e gordo e limpava o suor com um lenço com mais côres que o arco da velha.

Nada, aquillo não podia ser heroe de romance; tanto mais que deveria ter uns quarenta e cinco annos, para cima.

— Mas, resmungou o Raul, é que eu vi-a muito atrapalhada! Que poderá ella ter com um labrego d'estes?

O labrego continuava no seu travadinho, demorando-se a vêr os mostradores, examinando as raparigas com ar paternal e as muito feias com certa indulgencia. A quinze passos já cheirava a rhum e a pomada.

— O' cego destino! suspirava Guérac. Sou novo e gentil, elegante, esbelto, espirituoso e cheio de mim; nada portanto me falta para ter sorte em amores. Adoro uma mulher e derramaria todo o meu sangue para beijar-lhe o cordãosinho da bota!. . Mas nunca lhe fui apresentado e nem ella sabe que existo! Em compensação, aquelle animal horroroso, grosseiro, vulgar, vestido de fórma ridicula, sem duvida alguma estupido, tem o que quer que seja na vida d'ella e, quando a cumprimenta, obriga-a a córar e a estremecer! Dize, Destino, pois isto é justo?

Amaldiçoou de longe o fortunoso mortal que nem por isso deixou d'ir seu caminho de barriga para a frente e de cabeça para traz.

—Ah! continuou Guérac, se pelo menos eu fosse amigo d'aquelle idiota! A um amigo nada se esconde e aquelle decerto me contava o passado, o presente, sonhos, caprichos, genio de madame de Sogel; seria degrau para o meu amor; emfim, apresentava-me! O' Destino! porque não me fizeste amigo d'aquelle idiota?

E assim falando, lá ia pelos passeios e macadans no sulco do bemaventurado caminhante.

O exercicio desenvolve a fantasia, que por sua vez desenvolve extravagancias Fiquem tambem desde já sabendo que Raul tinha uma pancadita na mola. Pouco a pouco, a testa desfranziu-se-lhe, illuminou-se, resplandeceu. Soltou contente uma exclamação.

— Amigo d'elle!... E porque não hei de eu ser amigo d'elle?... E' sel-o!

Apanhou o homem em quatro passadas e disse-lhe assim á queima-roupa:

— Peço-lhe mil desculpas; mas quereria ter a amabilidade de me dar uma palavra?

O bochechudo moita; mas, como Raul lhe tocasse ligeiramente no cotovello, parou e deixou ver um perfil pasmado, desconfiado e falho a qualquer vislumbre de intelligencia.

— Senhor, começou o estouvado, tirando o chapéu, aqui tem na sua presença Raul Guérac de la Tournière de Fombreuse; moro na rua Neuve des Mathurins, n.º 92; tenho vinte e seis annos e doze mil francos de renda, boa saude, genio bom, pureza de costumes e boas relações Sou bacharel em letras, eleitor, elegivel, membro da guarda nacional e vaccinado. Com taes dotes tenho a honra de lhe offerecer a minha amizade e de lhe pedir a sua.

O homem das suissas luzidias, coçou o nariz, procurando fechar a bocca pasmada. Não lhe sendo coisa facil, olhou para ver se Raul lhe não tinha roubado o relogio, abotoou o sobretudo, fez meia volta e deu ás pernas quanto poude.

II

—Deixal-o, disse comsigo Guérac. Já démos um grande passo; já não somos dois indifferentes,

E desatou a correr atraz do quarentão desnorteado.

Este já ia á redea solta. Chegou ao Palais Royal, metteu por uma galeria, depois por outra, viu a porta envidraçada d'um restaurante, poz mão no trinco, virou-o e entrou.

Raul ia-lhe mesmo no encalço. Viu uma meza vaga ao lado da victima e abancou.

O homem gordo mirou-o da cabeça aos pés, encolheu os hombros e a phisionomia poz-se-lhe de novo inerte e fleugmatica.

— Não tem duvida, rosnou Raul, has de te vir comigo, meu patife.

Entretanto os moços em volta do homem gordo, muito attenciosos, ajudavam-no a tirar o sobretudo, guardavam-lhe o chapeu de chuva. Via-se logo que era um freguez generoso e respeitado.

Depois que elle se dignou sentar-se, puzeram-se ás ordens de Guérac.

— Sirvam-me o que servirem a esse senhor, respondeu em voz alta, que o ouvissem bem. Esse senhor ha de vir a ser dos meus melhores amigos, quero conhecer-lhe os gostos.

Os mais freguezes viraram-se todos. Entretanto o sujeito apontado nem pareceu reparar em tal.

— E tambem quer dos mesmos vinhos que o sr. Gibson? perguntou gravemente o criado.

— Os mesmo? Pois está claro, respondeu Raul.

— E' uma aposta, disseram os moços baixinho.

— Parece, murmourou Guérac, que o meu futuro amigo se chama Gibson e que não desgosta de misturar. Pois seja!... Tem homem... e ha de gostar de vêr-me.

Desdobrou o guardanapo e virou-se para o estrangeiro:

— Ha de concordar, disse-lhe com certo tom de conciliação, que o meu modo de proceder é singularmente original.

O homem dos botões d'ouro conservou-se silencioso e fez na cadeira um quarto de volta.

Raul approximou a d'elle.

— Está a modos desconfiado e tem razão. Mas queira dar-me licença para que lhe exponha as minhas razões.

Tanto valêra falar a uma porta. O sr. Gibson, de mãos cruzadas sobe o abdomen, fazia girar os pollegares, contando as tabuas do tecto.

— Saberá então, continuou Guérac, que o senhor é a derradeira esperança que tenho no mundo. Se me escapa, só me resta morrer.

Calculava que a phrase dramatica arrancaria ao sr. Gibson um movimento de compaixão ou de curiosidade. Mas qual! O sr. Gibson assoou-se sem mesmo pestanejar ao tal lenço das côres do arco da velha.

Raul não era homem para desanimar por tão pouco; bastará dizer que era de Bordeus. Chegou-se mais e continuou.

— Ora vamos ao caso. Até aos vinte e cinco annos fui o mais feliz dos homens. Dotado d'um excellente alfaiate, d'um genio folgazão e d'uma bella cabeça morena e pallida, d'estas que mulher não vê que não vire a sua, costumara-me a considerar a existencia como tecido de seda e oiro. Desfez-se-me a illusão no dia 15 de maio do anno corrente, ás seis horas e doze minutos da tarde. N'essa data passeava eu innocentemente á sombra do Bosque de Bolonha, eis senão quando...

N'este ponto Raul foi interrompido pela apparição de seis duzias d'ostras e d'uma garrafa de Xerez. O mesmo puzeram em frente do sr. Gibson.

— Seis duzias! exclamou Guérac. Diabo! Se isto assim começa...

Vendo que o estrangeiro deitava vinho no copo, imitou-o e fez lhe cortezmente uma saude silenciosa.

Mas o homem das suissas não correspondeu á amabilidade e deitou-se ás ostras com uma furia voraz

— O que elle tem é fome, concluiu Raul. Esperemos que elle se farte.

Tinha que esperar.

Effectivamente o sr. Gibson desenvolveu um zelo, uma applicação, uma furia de fome, que não admittia intervallos.

Era de aterrorisar, mas era esplendido!

Roncava, soprava, rinchava, afogava-se, abarrotave-se. Parecia que lhe estoiravam as bochechas. A faca relampejava; o copo andava em constante viagem; a barulhada dos queixos só a vencia o marulhar dos liquidos pelas guellas.

Sopa, peixes, assados, caça, frangos, legumes, doces, pasteis, compotas, queijo, fructas, eram montanhas deslisando sem satisfazer-lhe a gana. Engulia tudo limpando as travessas com consciencia e os pratos até ao vidrado.

— Aquillo é que é garfo!... repetia por intervallos o Guérac assombrado.

O festim pantagruelico não podia ser a sêcco; por isso o sr. Gibson entornou mais quatro garrafas de vinhos differentes sobre a primeira defunta de Xerez. Château-margaux, chambertin, château Laffitte e champagne distillaram uma por uma, seus rubins e topasios entre os labios do valente conviva, e cada um d'esses vinhos gloriosos accendeu um lume especial nas bochechas do sr. Gibson, que passou do côr de rosa ao vermelho, do vermelho ao escarlate, do escarlate ao rôxo.

Raul mostrava-se pesaroso. Sujeitára-se imprudemente a uma lista egual, mas desde o segundo prato e terceira garrafa, desistiu e contentou-se com assistir ás proezas do concorrente.

Este, ao cabo de duas horas laboriosamente entretidas, repotreou-sen a cadeira e armou-se d'um palito. Os olhinhos azues muito claros scintillavam como estrellas: era n'aquelle periodo cheio de encantos em que a giboia se torna mais accessivel.

Guérac julgou ter chegado o momento favoravel.

—Dizia eu pois, continuou, que, um dia, passeando á beira do lago, de charuto nos dentes, badine debaixo do braço, espirito desanuviado e consciencia pura conduziu-me a fatalidade até uma senhora elegante, que vinha subindo, de caleche. Vinte annos quando muito, mão do tamanho d'um dedo, pé do tamanho da mão, olhos capazes de levar ao inferno Santo Origenes, um rosto infantil e scintillante de finura, foi só o que vi atravez d'um nevoeiro de cassas e rendas. Cinco minutos depois estava doidissimamente apaixonado!

A coisa pareceu indifferentissima ao sr. Gibson, que, sem mostrar a menor commoção sacou da algibeira um jornal inglez O rosto rutilante eclipsou-se por detraz da folha, que se arriscava a ter as dimensões d'um lençol.

Raul não teve remedio senão chegar-se ainda e a voz, elevada mais meio tom, atravessou o dique fragil do papel.

— Até então, meu querido senhor, só tinha gostado a valer do vinho do Rheno e da musica de Rossini; por isso, dado o caso, não lhe dei logo o devido valor. Mas, pouco e pouco, manifestaram-se symptomas assustadores. Logo no primeiro dia perdi o somno, no outro o apetite, no terceiro duzentos luizes ao whist por pensar na dama quando o parceiro me fazia uma chamada ao rei. N'esse periodo da minha enfermidade...

Guérac foi ainda outra vez interrompido. Traziam-lhe o café e licores.

O taciturno estrangeiro dobrou o jornal, preparou-se para o café fortissimo, enguliu varios copos de rhum, de kirsch e de chartreuse, sem que de Raul fizesse caso, como se elle estivesse longe em qualquer terra do Japão.

— E' querer ser teimoso! rosnou Guérac; mas, a não ser que tape os ouvidos, ha de ouvir-me, e vá-se com esta!

E dando um murro na meza, continuou:

— N'esse periodo da minha enfermidade julguei prudente applicar-lhe qualquer palliativo. Puz-me em campo e dei com a senhora. Ao cabo de vinte e quatro horas, eis o que sabia: Nome e appellido: madame Aurelia de Logel; profissão: viuvinha; morada: rua Saint Honoré; signaes particulares: um poço de virtude, embora coquette. Ora muito bem! disse comigo, ser-lhe apresentado, cahir-lhe aos pés, implorar-lhe a mão e obtel-a, é negocio para quinze dias. O tempo de mandar vir as minhas certidões. Convirá que era o meu plano d'uma limpidez extrema. Por desgraça...

— A conta!... gritou o sr. Gibson,

— E a minha!... disse Guérac.

E continuou:

—Por desgraça, madame de Logel frequenta pouco a sociecade e, por uma d'estas fatalidades inauditas, ninguem das minhas relações innumeras estava nos casos de me apresentar. No maior dos desesperos, corri...

Então o sr. Gibson, que pagára a conta e atirára ao criado uma gorgeta principesca, levantou-se, não sem majestade.

— Ah!... com licença! gritou Raul.

O homem do collete flamante olhou para elle com uns olhos que se iam esbogalhando.

— Com licença, repetiu Raul já meio arrufado. Ainda não acabei a historia e ainda lhe não disse o favor que espero da sua muita delicadez.a

Como unica resposta, o sr. Gibson poz o chapeu na cabeça, enfiou o sobretudo, pegou no guarda-chuva e foi-se embora.

Guérac, um instante corrido, foi-lhe outra vez no encalço.

(Continúa).

Recebemos e agradecemos:

Historia topographica e bellica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata — *Editada pela primeira vez pelo Lycêo Litterario Portuguez, do Rio de Janeiro, e copiada do original de Simão Pereira de Sá — Rio de Janeiro — Typographia Leuzinger — 1900.*

A bem conceituada e importante instituição portugueza no Brazil Lycêo Litterario Portuguez

do Rio de Janeiro, editou em um bello volume o manuscripto inedito de Simão Pereira de Sá, que tem o titulo acima. Quiz com esta sua magnifica edição solemnisar o IV centenario do descobrimento do Brazil, como se vê da respectiva dedicatoria com que abre o livro. E fel-o condignamente.

É a *Historia topographica e bellica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata* um valioso manuscripto de que existem na Bibliotheca do Rio de Janeiro dois exemplares, ambos incompletos, levado um para alli com a livraria de D. João VI e outro adquirido em tempo no leilão da livraria dos Marquezes de Castello Melhor. Na publicação do manuscripto foram respeitados o texto em toda a sua originalidade e tanto quanto possivel a pontuação e a orthographia flagrante e revezadamente caprichosas, que se encontram quer n'um quer n'outro exemplar.

Justificando a escolha d'esta obra para a sua edição ser offerecida ao Brazil, em commemoração do quarto centenario do seu descobrimento, explica a illustrada directoria do Lycêo no relatorio com que abre o volume:

«Embora a Nova Colonia do Sacramento se desagregasse mais tarde do Brazil, para os annaes d'este, a historia d'ella representa sempre, pelo duplo de summa importancia e varia curiosidade; e tambem porque, afinal, a sua conquista, depois de tres periodos agudos de lucta, depois de tantas sortidas e recontros entre assediados e sitiadores, foi um dos mais brilhantes feitos de Portugal no seculo XVI, que muito faz lembrar com justo devanecimento as jornadas gloriosas e tão exaltadas de Diu, Mazagão e outras, em cuja defeza tenaz e continua, como na da Colonia do Sacramento, se praticaram actos de inexcedivel heroismo, já em combates em massa, já em combates singulares, nos quaes a calma, a coragem e a força consorciadas dos Portuguezes continuaram a honrar a sua tradicção guerreira, pois, para elles, o combater em numero somenos, exhaustos de recursos, e muitas vezes sem esperança de auxilio da Metropole, era, em vez de desanimo, incentivo para a victoria e quasi certeza da sua obtenção.

«Quando outro não fôra o merito d'este livro, bastar-lhe-hia para não ser repudiado pelos bons espiritos, antes por elles bem acceito, o facto de, agora que a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro prosegue no louvavel commettimento de dar á publicidade a Historia do Brazil, impôr-se, e assim, deve ser considerado, como accessorio ou subsidio minucioso da mesma, justamente pela parte bellica que relata.»

Enriquece o livro um erudito prologo sobre a Colonia do Sacramento pelo sr. dr. Capistrano d'Abreu. E' illustrado com as estampas do retrato de Pedro Alvares Cabral, da lagôa formada pelo rio *Mutary*, na bahia Cabralia, e do mappa geographico do Brazil por Mouchez.

A capa do volume é illustrada pelo habil artista portuguez Julião Machado, ha annos n'aquelle paiz.

O CANTADOR MANUEL ALVES

Estudos de Philogia Mirandeza *por J. Leite de Vasconcellos — Volume I — 1900.*

Pertence esta obra á importante collecção das *Contribuições da Sociedade de Geographia* para solemnisar o quarto centenario do descobrimento da India, a qual já conta elevado numero de notaveis trabalhos historicos, litterarios e scientificos.

N'este primeiro volume dos seus *Estudos de philologia mirandeza* dividiu o erudito professor do curso superior de bibliothecario-archivista a materia em duas partes, tratando na primeira da historia externa do mirandez e na segunda da grammatica mirandeza.

E' a primeira parte muito curiosa e agradavel pela grande variedade de noticias que a enriquecem. A segunda constitue um grande tratado grammatical do mirandez, que comprehende a *Phonologia — Morphologia* e *Syntaxe* do idioma, subdividindo-se em numerosos capitulos que dão a esta parte do volume uma consideravel extensão, de mais de trezentas paginas, havendo decerto linguas mais conhecidas que não terão merecido egual attenção dos sabios philologos.

Considerando separadamente aquellas tres partes naturaes e principaes da grammatica, o sr. Leite de Vasconcellos estudou as de per si mas pratica, theorica e historicamente; isto é, expondo os phenomenos da lingua taes como elles existem na actualidade e procurando tambem explical-os segundo a sua genese e evolução.

A aridez inherente a estes estudos não é de molde a lisongear a attenção dos leitores desprendidos de interesse por elles. Mas se os especialistas lucram com a sua consulta, tambem o simples leitor aproveita muito d'ella.

Rivista Politica e Litteraria — *Anno Quinto — Volume XV — Roma-via Marco Minghetti*, 3 — 1901.

Entrou no seu quinto anno de publicação esta importante revista, apresentando-se ainda mais completa do que nos anteriores. O seu programma estava já expresso bem claramente no seu titulo; porém, ainda se lhe deu maior desenvolvimento, de modo a distinguir-se entre todas as publicações congeneres que se imprimem na Italia com a grande vantagem do seu preço ser relativamente modico, lira e meia cada volume em quarto grande, de 200 paginas em bom papel, posto no estrangeiro.

Mais do que uma revista academica tem procurado tornar-se popular, popular e democratica nas idéas, mantendo-se aristocratica nos meios e nas expressões. Pretende — e parece tel-o conseguido — ser a voz da vida italiana no pensamento, no sentimento e na acção, da vida italiana que não para nos confins politicos da patria mas se estende por toda a personalidade italiana em idéas e interesses. Reconhecendo a importancia das questões internacionaes e coloniaes, dedica-lhe toda a attenção dando numerosas indicações relativas ao paiz e ao estrangeiro, informando e discorrendo, de forma a manter os seus leitores ao corrente do movimento universal.

Os seus appendices *Bolletino economico e finanziario* e *Bolletino Bibliografico* seguem attentamente o desenvolvimento das respectivas especialidades, sendo este ultimo muito interessante e elucidativo, pela grande copia de livros e revistas de que trata.

N'este seu novo volume inaugurou a excellente revista romana, sem augmento de preço, um novo appendice, o *Bolletino illustrato degli «Sports»*, que vem em todos os fasciculos, e que em verdade se tornava indispensavel para uma grande parte dos leitores, sendo util para uns e agradavel para outros, pela importancia que se tem attribuido á educação physica.

Muito completa, pois, a notavel revista italiana.